

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Monumentos de papel:**

**Um estudo sobre a Filosofia e a Escrita da História em Manuel de Araújo Porto Alegre**

**Lucas La Bella Costa**

**Porto Alegre**

**2012**

**LUCAS LA BELLA COSTA**

**Monumentos de papel:**

**Um estudo sobre a Filosofia e a Escrita da História em Manuel de Araújo  
Porto Alegre**

Monografia de conclusão de curso apresentada como  
requisito para a obtenção do título de Licenciado em  
História pelo Departamento de História do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Temístocles Américo Corrêa Cezar

**Porto Alegre**

**2012**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e às minhas irmãs, primeiramente pelo afeto, carinho e apoio. Sem eles o presente trabalho inexistiria, pois foram responsáveis por grande parte da minha formação e do meu apreço pela leitura.

Sou extremamente grato a dois grandes amigos, Eduardo Holderle Peruzzo e Henrique Bordini, por aparentemente não se importarem em ouvir minhas queixas e me emprestar ânimo. Pedro Meirelles não poderia deixar de ser citado, não somente pelas consultorias prestadas nas questões quanto ao tema da morte, como também por todo o companheirismo constantemente demonstrado. Mauri Zanirati e Pedro Alvez são amigos que me acompanharam durante todo o curso e possuímos um vínculo que irá além da graduação, sem dúvida. Rafael Dorneles Alves e Gustavo Ferreira e Silva são os amigos que me suportaram por mais tempo. Luise Malmaceda, por todos os diálogos inspiradores. Amigos feitos no exterior durante meus estudos no IEP de Rennes também me são muito caros, dos quais devo citar Nicolas Hálbares, Florian Bourguignon, Félix Ulrich, Laura “Miau”, Sara Eboulis, Jessica Lemaire, Anne-Marie St, Luiza Dutra.

Agradeço ao meu orientador, Temístocles Américo Corrêa Cezar, pela oportunidade, apoio, indicações, além de seu equilíbrio ideal entre direcionar-me a uma boa pesquisa e deixar-me livre para buscar referenciais teóricos e temas de minha escolha, contanto que devidamente embasados. Aos professores José Rivair Macedo e Fábio Kuhn, por me propiciarem meus primeiros contatos com a pesquisa, dos quais ainda carrego uma importante bagagem de conceitos e reflexões.

A gratidão, tão cara a Manuel de Araújo Porto-Alegre, para não tornar-se mera formalidade precisa ser demonstrada no cotidiano. É impossível prestar a devida homenagem, no curto espaço de uma folha, a todos àqueles que merecem ser rememorados por mim. Não através de monumentos, mas pelos momentos compartilhados e presentes na memória, agradeço a todos que gravaram sua imagem no meu panteão particular.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo I</b>	
<b>As filosofias e suas histórias: tentativas de ordenação e uma historiografia que não fora escrita .....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo II</b>	
<b>A Europa não é longe daqui: Romantismo Neoclássico e Civilização .....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo III</b>	
<b>A presença da morte e a ausência do distanciamento .....</b>	<b>25</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>31</b>
<b>Fontes primárias .....</b>	<b>35</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>36</b>

“Conhecemos a história de um autômato construído de tal modo que podia responder a cada lance de um jogador de xadrez com um contralance, que lhe assegurava a vitória. Um fantoche vestido à turca, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, colocado numa grande mesa. Um sistema de espelhos criava a ilusão de que a mesa era totalmente visível, em todos os seus pormenores. Na realidade, um anão corcunda se escondia nela, um mestre do xadrez, que dirigia com cordéis a mão do fantoche. Podemos imaginar uma contrapartida filosófica desse mecanismo. O fantoche chamado “materialismo histórico” ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não ousa mostrar-se.”

(Walter Benjamin – Sobre o conceito da História)

## Introdução

Manuel de Araújo Porto-Alegre, o Barão de Santo Ângelo, foi orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro por mais de uma década, entre 1844 e 1857. Durante o período, publicou na Revista do Instituto discursos que homenageavam sócios ilustres falecidos que passaram a integrar o reino dos mortos, além de dois textos que podem ser considerados como uma nascente historiografia da arte que se pretendia brasileira e nacional: *Memória sobre a antiga escola de pintura fluminense*<sup>1</sup> e *Iconographia Brasileira*<sup>2</sup>. Este conjunto de escritos, todos pertencentes à Revista do IHGB, constituem o corpus documental sobre o qual me debruçarei.

Creio que os textos escolhidos para análise possuam uma lógica em comum, além de suas características narrativas semelhantes. O fato de todos terem sido publicados num periódico específico, focado no debate histórico e na consolidação dessa disciplina no Brasil, aliada à construção de uma história da nação que busca justificar e consolidar a pátria nascente, fez com que estivessem vinculados a um lugar institucional que lhes deu suporte e influenciou aquilo que podia/devia ser enunciado<sup>3</sup> ou silenciado.

O gênero dos textos a serem trabalhados pode ser dividido, grosso modo, em dois: discurso fúnebre e história da arte. Porém, todos possuem uma tônica biográfica, narrando os feitos dos personagens, as injustiças pelas quais passaram e os acontecimentos que os ligavam à nação. Foram retratadas pessoas que o autor considerava figuras ilustres cuja vida fora dedicada em prol da pátria, engrandeceram-na através de seus grandes feitos, artísticos ou políticos. Possuem semelhança com os escritos de Vasari, foram inspiradas pelas vidas de artistas<sup>4</sup> traçadas pelo florentino mencionado, possuem uma construção narrativa biográfica que também remete às Vidas Paralelas escritas por Plutarco e à versão brasileira destas, de João Manuel Pereira da Silva<sup>5</sup>. Porém, ressalto que meu enfoque não será na arte, na biografia ou no nacionalismo, por mais

---

<sup>1</sup> ALEGRE, Manuel de Araújo. “Memória sobre a antiga escola de pintura fluminense”, Revista do IHGB, 03, 1841, pp. 547-557.

<sup>2</sup> Idem. “Iconographia brasileira”, Revista do IHGB, 19, 1856, pp. 349-379.

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 70.

<sup>4</sup> Sobre as *Vite* enquanto gênero textual, ver GOMES JR, Guilherme S. G. Vidas de artistas: Portugal e Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências sociais*. Vol 22, no.64. São Paulo: Junho, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000200003). Acesso em: 06 Jul. 2011.

<sup>5</sup> Sobre o Plutarco Brasileiro e sua associação ao projeto de construção da nação ver ENDERS, A.. *O Plutarco brasileiro*. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. Revista Estudos Históricos, América do Norte, 14, jul. 2000. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2114/1253>. Acesso em: 06 Jun. 2011.

que elucidações quanto estes temas se façam necessárias ao longo do trabalho. Tais temas se constituem como conhecimentos prévios necessários, mas não o enfoque da presente pesquisa.

O enfoque centra-se nas considerações que o orador fez acerca do tempo e do processo histórico que podem ser consideradas como uma filosofia da história, que delinea a historiografia do autor em sua relação com o Romantismo, o Neoclassicismo, o IHGB e os mortos.

Partindo de um lugar social e um lugar institucional (o IHGB, neste caso), o Barão de Santo Ângelo realiza uma operação historiográfica, a qual não é ditada majoritariamente por um paradigma científico, mas por uma grande questão filosófica. Pretendo analisar como as vinculações institucionais de Porto-Alegre influenciaram a operação historiográfica que foi realizada e gerada por uma filosofia da história que, conseqüentemente, é expressa nos textos.

O autor que pretendo estudar estava inserido na vida política e cultural do Rio de Janeiro. Pelos diversos cargos a atuações que acumulou, vários pesquisadores o nomearam polivalente, múltiplo<sup>6</sup>. Além dos discursos fúnebres e vidas de artistas, escreveu peças de teatro, poemas, pintou quadros, arquitetou monumentos, concebeu celebrações cívicas, entre outras diversas manifestações artísticas e culturais. Foi aluno de Debret, o qual substituiu como mestre de cerimônias imperiais e também professor de pintura histórica da Academia Imperial de Belas Artes, da qual posteriormente irá se tornar diretor. Sua posição - relevante e de certa influência dentro das instituições culturais da época – também o torna uma figura importante de estudo para traçar relações entre a historiografia e diferentes processos que protagonizaram a capital do Império durante o século XIX – no presente caso, o declínio da morte barroca<sup>7</sup> e a elevação das artes do desenho à atividade intelectual. Creio que elucidando sua concepção de história seja possível compreender com maior profundidade os preceitos que guiavam as suas ações e medidas dentro da AIBA e do IHGB, que ajudaram a moldar ambas, além de sua relação com os dois processos citados.

O conceito de “Filosofia da História”, numa acepção mais abrangente que será melhor explicada nas próximas linhas, será aplicado aos textos do autor estudado e articulado com os mortos, como esses devem ser tratados, lembrados e imortalizados em monumentos, relação que

---

<sup>6</sup> ENDERS, Armelle. *Les visages de la Nation: Histoire, héros nationaux et imaginaire politique au Brésil (1822-1922)*. Tese (doutorado) – Université Paris I-Panthéon-Sorbonne. 2004.

<sup>7</sup> Morte barroca definida pela sepultura eclesiástica, pelo testamento que visa perdoar e se desculpar de faltas da alma e pela preocupação com a morte antes que esta chegue. Para uma definição geral, ver VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 1991 e no caso brasileiro, mais especificamente no Rio de Janeiro, RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

pode ser melhor compreendida a partir da perspectiva do “lugar social” da operação historiográfica. Considero necessária tal análise num nível mais profundo. Certas relações, por parecerem demasiadamente óbvias, não são pesquisadas e formuladas através de uma metodologia do campo disciplinar da história, sendo interpretadas através de preceitos de um senso comum, de suposições. A história dá voz aos mortos pode ser explicada como um enunciado romântico do século XIX para a relação do conhecimento com o passado, mas não pode ser tomada como uma frase que em si só já explicita toda sua intenção e significados, pois quando pensada como filosofia geradora de uma operação historiográfica - e por ela reproduzida - ocorrida num lugar social específico e de relevância para a historiografia nacional (do IHGB), pode explicitar relações e significações de maior profundidade, tentando assim fazer jus à complexidade que a empiria possui.

Pretendo demonstrar que uma filosofia da história determinou, ao menos em parte, a forma que Porto-Alegre escreve a história e realiza sua operação historiográfica, provavelmente muito mais que um suposto paradigma ou método próprio de um campo científico, que ainda se constituía. Os recortes temáticos, os personagens, a forma que organiza sua narrativa, são decorrentes dessa filosofia, aplicada à um contexto e conjunturas sociais, culturais e políticas. Unindo o conceito citado à análise do lugar social creio que aspectos cruciais da operação historiográfica possam ser evidenciados e/ou compreendidos fazendo jus à sua complexidade. A operação historiográfica, não importa de qual lugar parta, implicará preceitos filosóficos<sup>8</sup>.

Porto-Alegre foi um objeto de estudo inicialmente por seu trabalho como escritor e artista, sendo analisados (geralmente de forma sintética) seus poemas e pinturas. Mesmo que fosse citada sua atuação na história, esta não era o real foco dos primeiros trabalhos que lhe contemplaram. A beleza de suas obras e as características românticas que possuíam foram a grande tônica das análises feitas no início do séc. XX, até a década de 80. Grande parte do que foi lançado sobre o autor neste período possui um viés fortemente biográfico, marcado por grandes elogios à obra e ao caráter desta figura que tanto teria lutado pela pátria, recebendo em contrapartida injustiças e falta de reconhecimento – reproduzindo, assim, a própria lógica presente nas biografias escritas pelo punho de Porto-Alegre.

O primeiro livro completamente dedicado a Porto-Alegre é de Laudelino Freire, lançado em 1924 pela coleção *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa*, dirigida pelo mesmo.

---

<sup>8</sup> CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 67.



Posteriormente, Manuel de Araújo seria agraciado pela coleção *Nossos grandes mortos*, promovida pelo Ministério da Educação a partir de 1936, na qual Helio Lobo não se aprofunda na pintura ou poesia do Barão de Santo Ângelo, focando-se em fazer somente uma biografia. Assim como fará Paranhos Antunes<sup>9</sup>, dedica as últimas páginas do livro a um precioso levantamento de fontes e das obras do autor estudado.

Paranhos Antunes lança *O pintor do romantismo* em 1943, intercalando longas narrativas e citações de documentos cujos trechos sejam de caráter mais biográfico com interpretações sobre as pinturas de Porto-Alegre, colocadas como românticas, belas e muito bem executadas. Os elogios ao injustiçado Barão de Santo Ângelo, nunca reconhecido e por muitas vezes desconsiderado e desrespeitado pelos políticos e suas ações institucionais, não se limitam à obra, dirigem-se também à vida e feitos deste.

Duas conferências sobre o Barão de Santo Ângelo realizadas em 1957 foram transcritas num livro, publicado no mesmo ano. Guilhermino Cesar, em *Araújo Porto Alegre e a sua época literária*<sup>10</sup> analisa o autor como um romântico, que seria um dos pioneiros a ligar a classe letrada e o povo no Brasil, além de ser o "primeiro historiador das artes plásticas brasileiras"<sup>11</sup>. Já Ângelo Guido palestrou sobre "(...) o Pintor e a Personalidade Artística"<sup>12</sup>, negando a vinculação de Porto-Alegre à pintura romântica, enquadrando-o num neoclassicismo acadêmico, ligado à *École des Beaux-Arts*, situada em Paris. O foco maior está na obra, sua caracterização e um debate mais aprofundado. A primeira conferência ainda busca elogiar a obra do autor estudado e engrandecê-la, enquanto a segunda toma uma postura mais crítica e questionadora.

Virgílio Corrêa Filho, também em 1957, publica transcrições de diversas cartas escritas por Porto-Alegre, destinadas a amigos. Previamente, traça uma biografia que narra da viagem à França, tutelada por Debret, até os últimos dias do Barão. As injustiças e as ocasionais crises financeiras também estão presentes no texto.

Alfredo Galvão, em 1959, lança um artigo na revista do IPHAN, o qual considera não uma biografia, mas um resumo da vida de Porto-Alegre por ele mesmo, através de diversos trechos citados de documentos (escolhidos e recortados por Galvão). O mesmo autor terá

---

<sup>9</sup> Paranhos em 1943 cita a obra de Helio Lobo, cuja minha edição aparece datada de 1945, o que significa que a primeira publicação foi anterior.

<sup>10</sup> IN: *Araújo Porto Alegre: Dois Estudos*. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, 1957.

<sup>11</sup> Idem, p.23.

<sup>12</sup> Idem, pp 31-59.

publicada em 1980, na Revista do IHGB, a transcrição de uma conferência sobre a reforma da pedreira, acompanhada por outras duas, de Américo Lambe e Mário Barata.

Todas as publicações, artigos e livros citados anteriormente - salvo os de Guilhermino Cesar e, principalmente, o de Ângelo Guido – podem ser considerados escritos biográficos e recortes bibliográficos sobre Porto-Alegre, frutos do trabalho de membros do IHGB ou IHGRGS. Analisando as pinturas ou os poemas com maior ou menor dedicação, todos os autores traçaram ao menos parte da vida do Barão de Santo Ângelo e tornaram tal narrativa parte crucial de seu texto, do qual grande parcela é reservada a extensas citações documentais. Obviamente a presença maciça de fontes não torna a biografia mais objetiva, já que as próprias possuem sua subjetividade e foram sujeitas ao recorte e as escolhas dos escritores, além da própria seleção arbitrária do tempo e do que fora preservado.

As próximas obras a serem debatidas estão inseridas numa lógica diferente, a de trabalhos realizados no âmbito acadêmico. Não irei mais citar o eixo central das obras, mas sim trechos e questões que dialogam com a presente pesquisa.

Como fora afirmado, posteriormente à década de 80 Porto-Alegre é estudado de uma forma diferente, acadêmica, sendo objeto de pesquisas para mestrado e doutorado, geralmente vinculados à disciplina histórica. É o caso de Letícia Squeff, autora do livro *O Brasil nas letras de um pintor*<sup>13</sup>, dos artigos *Quando a história (re)inventa a arte: a escola de pintura fluminense* e *A Reforma Pedreira na Academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista*, entre outros.

Squeff considera a Escola de pintura fluminense uma invenção de Porto-Alegre. A importância e riqueza do estudo da autora residem na não resignação em afirmar simplesmente uma imperícia ou falta de honestidade do Barão de Santo Ângelo, mas tentar compreender a lógica que explica as lacunas e imprecisões do texto. A “Memória...” é então inserida no contexto do IHGB e seus membros, o projeto de consolidação de uma nação e sua identidade. “Tratava-se de legitimar o Império em função da existência de uma história definida como ‘brasileira’”<sup>14</sup> e na criação de uma arte nacional, através de uma Escola anterior à vinda da missão francesa.

Isis Pimentel de Castro aborda a importância da pintura histórica, tão cara a Porto Alegre, a qual “(...) por estar diretamente envolvida com a exaltação dos momentos gloriosos da nação e

---

<sup>13</sup> SQUEFF, Letícia. *O Brasil nas letras de um pintor*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

<sup>14</sup> Idem. Quando a história (re)inventa a arte: a Escola de Pintura Fluminense. IN: *Rotunda*. No01. Campinas: abril, 2003. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/rotunda/rotunda01.pdf> Acesso em: 06 de Jul. 2011. (pg19-31)

dos atos heróicos de grandes homens, torna-se o espaço privilegiado para gravar na alma de seus observadores os nobres sentimentos de amor à pátria”<sup>15</sup>. Era a grande musa de Manuel de Araújo, a qual é colocada em destaque no ensino da Academia Imperial de Belas Artes através da Reforma da Pedreira. Será caro ao meu trabalho a “(...) ligação estreita entre o trabalho do artista e do historiador (...)”<sup>16</sup> durante o XIX, estabelecida pela autora, assim como o paralelo que ela traça entre o IHGB e a AIBA, no papel de ambas as instituições no resgate do passado, construção da nação e materialização do passado em suas produções.

Gomes Jr. considera que “a tarefa biográfica que Araújo Porto-Alegre tomou para si tinha algo de anacrônico”<sup>17</sup>, haveria faltado uma mudança no método para que a História da Arte no Brasil desvinculasse-se do gênero de *Vidas de Artistas*. Creio que tal mudança não ocorrera, ao menos na obra de Porto-Alegre, pela vigência de uma Filosofia da História muito preocupada com os mortos e, conseqüentemente, focada na vida dessas já falecidas figuras ilustres que devem ser lembradas, além de um projeto político-historiográfico, o qual será melhor abordado. Principalmente, não há anacronismo, já que estava de acordo com a lógica do lugar social onde é operada: o Brasil, mais especificamente o círculo dos letrados do Rio de Janeiro. O Barão de Santo Ângelo não escreve na Europa visando à construção de um novo campo disciplinar do conhecimento, mas na antiga América Portuguesa, visando à consolidação de uma nação, o grande projeto do seu Instituto, sua Academia, e da Corte de seu Império.

Débora Andrade faz uma caracterização importante para pensar o lugar social vivido por Porto-Alegre no Rio de Janeiro, ressaltando alguns aspectos que também foram trabalhados por Letícia Squeff quanto à condição dos homens de letras brasileiros:

A condição do intelectual em meados do século durante a constituição do campo literário revela o quanto, ora sob a égide do mercado editorial, ora sob a dependência do mecenato do Estado, a modernidade já era experimentada pelos homens de letras. As baixas vendagens, a morosidade da vida e das instituições culturais e a falta de regulamentação do mercado editorial em relação aos direitos autorais obrigavam os

---

<sup>15</sup> CASTRO, Isis Pimentel de. Arte & História: a concepção de arte no oitocentos e sua relação com a cultura histórica. In: Saeculum. No24. João Pessoa: jan/jun, 2006. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum14\\_art02\\_castro.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum14_art02_castro.pdf). Acesso em: 06 de Jul. 2011.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> GOMES JR, Guilherme S. G. Vidas de artistas: Portugal e Brasil. In: Revista Brasileira de Ciências sociais. Vol 22, no.64. São Paulo: Junho, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000200003). Acesso em: 06 Jul. 2011.

escritores a buscarem emprego junto aos jornalistas e a disputarem cargos no Estado como secretários, diretores, professores, deputados e diplomatas.<sup>18</sup>

Paula Ferrari traz uma informação interessante no artigo *A História da Arte de Araújo Porto-Alegre*<sup>19</sup>: um documento do seu arquivo pessoal, apontamentos de um livro que acabou não sendo escrito, no qual o Barão demonstra sua “recusa da história política”<sup>20</sup>, dos fatos oficiais, afirmando que a verdadeira história estaria no aspecto social. Constatei que dos textos publicados na Revista do IHGB, nenhum explicita ou deixa claro tal posicionamento. O lugar institucional que dá voz também propicia interditos. Difere-se da censura, é uma proibição velada, não anunciada nem registrada, mas a qual os membros conhecem. Uma afirmação desse caráter iria contrariar o projeto da instituição e também iria de encontro com o posicionamento e prática de vários historiadores da época. Há também o caráter de história original<sup>21</sup> da historiografia de Manuel de Araújo, que propiciara uma escrita que não condizia com o que o autor enunciava enquanto concepção teórica e metodológica, o que será melhor abordado nos próximos capítulos.

Toda bibliografia debatida foi escrita por autores brasileiros. Porém, existe uma tese de doutorado publicada em 2004, na França, que provê um material importante e que possibilita diversos diálogos com a presente pesquisa. Armelle Enders dedica um subcapítulo de sua obra para *La ‘Republique de la mort’ de Manuel de Araújo Porto-Alegre*<sup>22</sup>. A autora aborda o projeto do Barão de criar um panteão, o qual ela chama de necrópole nacional, além de ressaltar a importância de uma moral social e patriótica, obsessão pela memória dos grandes homens e necessidade de que o culto a estes possua um lugar primordial.

A necrópole nacional, república da morte, é o objetivo maior da história monumental de Porto-Alegre, lugar de memória da nação onde os dignos de tamanha honra são imortalizados. Arquetizar tal pensamento é articular uma filosofia da história presente na sociedade brasileira do século XIX com um projeto de nação, através destas e outras referências de um lugar social onde a operação historiográfica, que tem sua carga filosófica, é realizada.

---

<sup>18</sup> ANDRADE, Débora El-Jaick. Os intelectuais nas reformas do Estado Imperial: as trajetórias de Araújo Porto Alegre e Gonçalves Dias. In: [http://www.outrostempos.uema.br/curso/estado\\_poder/1.pdf](http://www.outrostempos.uema.br/curso/estado_poder/1.pdf) Acesso em: 06 de Jul. 2011.

<sup>19</sup> FERRARI, Paula. A história da arte de Araújo Porto-Alegre. In: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2008/FERRARI,%20Paula%20-%20IVEHA.pdf> Acessado em 06 de Jul. 2011.

<sup>20</sup> Idem, p. 571.

<sup>21</sup> HEGEL, G. W. F. *La raison dans l’Histoire*. Paris: Union Générale d’Editions, 1979. p. 24.

<sup>22</sup> ENDERS, Armelle. *Les visages de la Nation: Histoire, héros nationaux et imaginaire politique au Brésil (1822-1922)*. Tese (doutorado) – Université Paris I-Panthéon-Sorbonne. 2004. p. 213

Após esta primeira apresentação dos conceitos mais caros a presente pesquisa e uma rápida exposição da bibliografia que aborda especificamente Porto-Alegre, chega o momento de tentar, através de um ato rude, ignorar os espelhos e tentar analisar os movimentos não do fantoche, mas deste anão corcunda que por vezes é premeditadamente relegado à invisibilidade . Não me refiro à teologia, mas àquela que por vezes seria tomada como sua contraparte laicizada – a filosofia da história. Tomo o autômato como metáfora da escrita da história, principalmente dos séculos XVIII e XIX, não da História em si, como fizera Walter Benjamin. Considerando-se desligadas da metafísica, das explicações teológicas, algumas historiografias tendem a omitir ou até mesmo esconder alguns de seus elementos estruturantes. O que se encontra confuso no uso desta epígrafe será esclarecido nos próximos capítulos, urge revelar o anão corcunda de forma gradual e paciente, levá-lo a revelar sua presença.

## Capítulo I

### As filosofias e suas histórias: tentativas de ordenação e uma historiografia que não fora escrita.

A Filosofia da História não pode ser trabalhada de forma atemporal, sem ser situada. A sua polissemia faz com que exija uma definição que evite confusões e/ou vulgarizações quanto sua significação. Utilizarei o conceito citado de forma ampla, próximo do que Plekhanov afirmara como sendo sinônimo de “concepção da História”<sup>23</sup>, para nele confluir noções que se articularam na obra de Porto-Alegre. A Filosofia da História aqui estudada expressava um projeto, objetivos ligados a um local, uma época e um determinado contexto que se compreendiam e eram sustentados por uma historiografia.

O conceito de lugar social com o qual irei trabalhar articula, além das “referências sócio-econômicas, políticas e culturais”<sup>24</sup>, filosóficas. Certeau faz questão de ressaltar as questões filosóficas do lugar, sendo meu acréscimo muito mais uma reiteração do que uma inovação. Pretendo assim ressaltar a importância da filosofia da história como um dos elementos do lugar, em função do qual “(...) se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam”<sup>25</sup>.

Maritain define o objeto da Filosofia da História como “(...) um esforço por tornar patente a significação inteligível e por assim dizer trans-histórica da História, o inteligível significado da sucessão ou do desenvolvimento dos acontecimentos no tempo”<sup>26</sup>. Para o autor, desde Santo Agostinho o tempo está submetido a uma teleologia que lhe imprime um início e fim, dando-lhe um caráter linear que possui uma direção, ascendendo ou decaindo, possuindo um significado. A filosofia da história imprime uma significação ao passado, à História, ao tempo. Identificada usualmente com a teleologia, é comumente confundida com a *história filosófica*<sup>27</sup> descrita e praticada por Hegel. Porém, até mesmo autores desvinculados do evolucionismo e da idéia de progresso, como Walter Benjamin, possuíram elementos filosóficos em sua operação historiográfica; mesmo não descrevendo um grande sistema explicativo, possuem traços de filosofia da história. É impossível escrever a história sem possuir uma concepção de tempo, mesmo que esta seja a proveniente da Física, de uma medida cronológica homogênea, grandeza

---

<sup>23</sup> PLEKHANOV. O papel do indivíduo na história. São Paulo: Expressão popular, 2008. p. 12.

<sup>24</sup> CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 66.

<sup>25</sup> Idem, p. 67.

<sup>26</sup> MARITAIN, Jacques. Sobre a filosofia da história. São Paulo: Editora Herder, 1967. p. 24

<sup>27</sup> HEGEL, G. W. F. La raison dans l'Histoire. Paris: Union Générale d'Éditions, 1979. p. 39.

capaz de ser mensurada – que por vezes é relativizada até mesmo pelos cientistas destas áreas de conhecimento consideradas menos subjetivas.

Cabe enunciar que no século XVIII e XIX essa filosofia vira um grande monstro que a tudo engloba e determina em grande parte a escrita da história. O grande projeto de alguns filósofos/historiadores fora desvendar o movimento e o sentido universal da história. Hegel é o exemplo mais significativo, sendo Voltaire<sup>28</sup> um caso que possui algumas semelhanças.

O conhecimento histórico do século XX considera-se laico, científico, já totalmente dissociado da metafísica e da Filosofia da História. Porém, vários intelectuais ressaltam, dentre eles Certeau, que: “(...) toda interpretação histórica depende de um sistema de referência; que este sistema permanece uma ‘filosofia’ implícita particular; que infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete à ‘subjetividade’ do autor”<sup>29</sup>.

A Providência fora uma primeira tentativa, ao afastar Deus da explicação dos acontecimentos, de eliminar um determinismo religioso da historiografia, a qual caíra numa laicização dessa mesma idéia que tentava combater. A intenção, ao negar a Filosofia da História, é de eximir a historiografia atual de qualquer traço metafísico para ressaltar o método e o estatuto científico. Confunde-se a Filosofia da História com teleologia e história filosófica, com as quais estivera realmente ligada de forma recorrente, mas das quais pode prescindir.

A marcha do espírito humano se manifesta por um desenvolvimento oscilatório, e transições, que ao primeiro correr da vista arrepiam as mentes acovardadas; mas ao aprofundada em todos os seus elementos componentes, ela nos apresenta um resultado lisonjeiro para a civilização, que é comprovado pela análise comparativa dos séculos.

No laboratório perpétuo das idéias, nesse oceano da civilização, as tempestades intelectuais se manifestam com a mesma variedade, e com a mesma força como no mundo material: elementos heterogêneos se debatem, o embrião de uma nova forma representado por uma idéia aparece, luta e se engrandece, produz uma revolução, regenera o povo, e lhe abre as portas de um futuro brilhante.

Esta Revolução se assemelha às enchentes do Nilo, que, depois de alagarem o país, desaparecem, deixando a fertilidade no solo, e a abundância na colheita: outras vezes, porém, a nova idéia é como a peste, que, contaminando-se

---

<sup>28</sup> VOLTAIRE. A filosofia da história. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>29</sup> CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 67.

rapidamente, corrompe a sociedade, e prepara-lhe esse futuro de decadência, que risca o nome de um povo da lista das nações.<sup>30</sup>

Manuel de Araújo elenca os movimentos de uma sociedade no tempo, as possíveis direções da marcha humana: desenvolvimento (ascensão), estagnação e de declínio (queda). A natureza é utilizada para estabelecer analogias e metáforas, de um tempo que é teleológico, possui algo de cíclico e cujo progresso não é garantido, muito menos ininterrupto. O acúmulo do tempo não significa melhoria inevitável, é preciso evitar o declínio e a estagnação através do culto pátrio, dos exemplos de homens ilustres. Mas, o próprio tempo toma uma dimensão de Providência e vontade própria, podendo jogar um povo num momento de estiagem ou abundância. Parece não haver, para o autor, hegemonia do idealismo ou materialismo: ambos seriam paralelos e agiriam através de uma mesma lógica, descrita à semelhança de uma simplificação da dialética nos “elementos heterogêneos que se debatem”, os quais formam um novo embrião. A lógica se assemelha em muito à Hegeliana, porém o filósofo citado é Decartes, do qual mimetizaria a análise e traria ao campo do conhecimento histórico<sup>31</sup>.

Paula Ferrari considera que “Os textos que abordam o período da pós-Independência, ao se aproximarem da história filosófica, por trás de uma crítica da razão, acabam revelando muito mais dos valores morais e políticos de Porto-Alegre (...)”<sup>32</sup>. A autora menciona o gênero de história filosófica, tal qual escrito Voltaire e Hegel, mas faz uma comparação equivocada. Partindo da premissa de que todo texto historiográfico possui algum traço filosófico, alguma concepção e valoração do tempo, todos possuiriam uma Filosofia da História, sem necessariamente isso traduzir-se numa aproximação com a história filosófica. Torna-se crucial ressaltar a extrema semelhança nas concepções de História e tempo de Manuel de Araújo com os outros dois autores citados, enquanto teleologia e Filosofia da História em si. Porém, “história filosófica” seria uma produção de conhecimento historiográfico de caráter reflexivo, pouco factual e biográfico, focado nos costumes, ideias e particularidades culturais das sociedades no tempo, no caso do pensador francês; e que buscaria regras do desenvolvimento histórico, manifestações particulares do espírito universal no caso do filósofo alemão. Retomando os

---

<sup>30</sup> PORTO-ALEGRE. Revista do IHGB, 03, 1841 P. 547.

<sup>31</sup> Idem, p. 548.

<sup>32</sup> FERRARI, Paula. A história da arte de Araújo Porto-Alegre. In: <http://www.unicamp.br/cha/eha/atas/2008/FERRARI,%20Paula%20-%20IVEHA.pdf> Acessado em 06 de Jul. 2011. p. 572.



conceitos de Hegel, para utilizar categorias da época e realizar um esforço de elucidar este mal entendido, Porto-Alegre produzira não uma história filosófica, mas sim uma história original: gênero que em muito se valia da memória, de acontecimentos recentes, uma primeira escrita que imortaliza no templo de Mnemosine personagens e fatos que interessavam ao escritor, que estava mais ou menos envolvido e por eles diretamente interessado, com intenções políticas.

Manuel de Araújo escrevera baseado na observação de obras de arte, documentação pouco descritiva e, principalmente, relatos – de eclesiásticos, de parentes, conhecidos dos artistas e dos homenageados. A historiografia da arte, tanto em *Memória...* quanto em *Iconographia...* possuíam, além de seu caráter primevo, uma intencionalidade político-teleológica: a consolidação do artista enquanto profissional que exerce uma atividade intelectual, elevado e distinto do status de artesão colonial. A valorização de costumes, da cultura e da arte como mais ricas e proveitosas para a produção historiográfica, além da crença de que existem leis que guiam a marcha humana, tornam a concepção de Filosofia da História de Porto Alegre paralela à de Voltaire e Hegel, mas ao contrário destes autores, não culmina numa história filosófica. Há a intenção, no autor estudado, de escrever uma história filosófica, a qual não se concretiza. Motivos políticos – consolidação e valorização da prática artística; historiográficos – primeiro esforço de escrita da história da arte brasileira; além da prática biográfica, sustentada por ideais românticos, neoclássicos, sociais e culturais leva o autor estudado a escrever uma história original, mesmo que por suas concepções históricas e filosóficas almejasse uma escrita da história próxima à que Voltaire e Hegel executaram.

Assim como Michael Löwy fizera ao estudar Walter Benjamin <sup>33</sup>, afirmo que não há em Porto-Alegre um sistema filosófico em termos de construção intencional de um grande sistema analítico interpretativo. O grande programa do autor que estudo não é decifrar o significado do passado e seu movimento, mesmo sendo indubitável que ele possuía uma concepção de tempo, de um significado que a História possui. Não era sua intenção construir um grande quadro elucidando A Filosofia da História que regeria a humanidade, mesmo que algo semelhante, porém menos soberbo, seja perceptível nos seus textos e estructure o seu pensamento histórico. Há uma vaga ideia, considerações aparentemente despreziosas, sugestões do que guiaria a marcha humana.

---

<sup>33</sup> LOWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estud. av.*, São Paulo, v. 16, n. 45, Aug. 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 17 de Julho. 2011.

Porto-Alegre considera a historiografia como materialização ritualística do próprio passado, sua herança e sinal, um “monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”<sup>34</sup>. A partir da Arte, cunha uma concepção que estabelece uma analogia entre a produção do historiador e estruturas arquitetônicas de caráter comemorativo, de uma história que deve criar um “panteão de papel”. Os homens ilustres que deveriam ser lembrados e tomados como exemplo são de certa forma ídolos, suporte de um culto que possuiria ritos e mitologia (a história nacional) próprios.

Segundo Enders, “Seules lês idées sont impérissables et c’est pour cette raison que tout monument materiel doit les exprimer si parfaitement qu’il se confond avec elles”<sup>35</sup>. A história monumental visa então imortalizar, “(...) preservar aquilo que deve sua existência aos homens, (...) para que o tempo não o oblitere (...)”<sup>36</sup>. Armelle também afirma que na historiografia de Porto-Alegre, “pour postuler à cet honneur posthume, il faudrait répondre à deux conditions: avoir fait progresser la civilisation Du Brésil et incarner une idée générale toujours d’actualité”<sup>37</sup>.

Monumentos arquitetados por Porto Alegre, monumento como metáfora para o conhecimento histórico. Nietzsche critica em sua *Segunda Consideração Intempestiva*<sup>38</sup> o que nomeia de *História monumental*. É uma crítica à crença no progresso, a concepções vinculadas à Hegel, à memorialização que a história tenta promover, à construção e veneração de ídolos. É uma crítica voltada à historiografia alemã, mas que poderia muito bem ser endereçada a Manuel de Araújo.

A Filosofia da História é então um dos fatores que determina a operação historiográfica de Manuel de Araújo, juntamente com o ideário e as relações constituintes do lugar social. Porém, questões políticas, a historiografia anterior e o lugar institucional influenciavam a escrita da história de forma que a Filosofia da História mantinha-se como uma concepção de tempo que não influenciara completamente a produção historiográfica de Porto-Alegre. Após suas considerações acerca da “marcha humana” seguiam-se considerações puramente biográficas e factuais.

---

<sup>34</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. 4.ed. Pg. 535.

<sup>35</sup> ENDERS, Armelle. *Les visages de la Nation: Histoire, héros nationaux et imaginaire politique au Brésil (1822-1922)*. Tese (doutorado) – Université Paris I-Panthéon-Sorbonne. 2004, p. 214.

<sup>36</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007. Pg. 70.

<sup>37</sup> ENDERS, Op. Cit. p. 213

<sup>38</sup> IN: NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2005.

## Capítulo II

### A Europa não é longe daqui: Romantismo Neoclássico e Civilização

Ângelo Guido<sup>39</sup> fora um dos primeiros autores a problematizar o enquadramento de Porto Alegre como um romântico – mesmo concordando que sua produção literária, tal qual afirmara Guilhermino César<sup>40</sup> poderia ser considerada dentro deste movimento em sua versão brasileira. Para Guido, a pintura de Porto Alegre esteve vinculada ao neoclassicismo acadêmico. A proposta do presente trabalho é esquadrihar as idéias filosóficas de Manuel de Araújo quanto ao tempo e a História, além de qual a relação destas com Instituições da época e paradigmas então vigentes. Faz-se necessário problematizar o Romantismo, sua influência na historiografia brasileira.

Estruturar diferentes aspectos da historiografia de Porto Alegre em torno de uma Filosofia da História é uma operação epistemológica, baseada na tentativa de ordenar logicamente manifestações diversas. A filosofia da história, tomada como idéia central e fundadora da operação historiográfica, influenciara na mesma medida as pinturas e concepção artística do autor? Oferece uma única explicação para estas duas produções distintas? Há um pintor neoclássico, um escritor romântico e um historiador em Porto Alegre?

Porto Alegre, viajante - mais uma acepção para um homem tão múltiplo – fora fortemente influenciado por idéias francesas, não só pelo seu contato e aprendizado com Debret e Gros como também pela estadia em Paris. O panteão que idealiza é inspirado, segundo Squeff, no de Bolonha e Nápoles<sup>41</sup>, mas havia um em sua vizinhança, na capital francesa. Edificado como Igreja, torna-se local de culto secularizado em fins do XVIII, em honra aos ilustres homens que realizaram grandes atos em prol da França. Prédio de traços neoclássicos, templo em sua arquitetura, nacional em seu alcance, está repleto de narrativas simbólicas traçadas pela estatuária, pinturas e vitrais ali encontrados. Os santos dão lugar ao culto dos heróis, com liturgia e mitologia próprias, secularizadas – cabe ressaltar.

Romantismo, neoclassicismo, a história dos mortos e o culto laico, idéias centrais na filosofia da história de Porto Alegre que foram gestadas de maneira particular na França, onde o autor estudado conheceu-as. Pode-se afirmar, de maneira confortável, que o ecletismo define Manuel de Araújo – mais uma vez, sua multiplicidade. Porém, é preciso transpor tal comodismo

---

<sup>39</sup> IN: Araújo Porto Alegre: Dois Estudos. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, 1957. p. 31.

<sup>40</sup> Idem, p. 7.

<sup>41</sup> SQUEFF, Leticia. O Brasil nas letras de um pintor. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 191.

para delinear quais idéias se sobrepõe, de que forma se relacionam, de que forma Manuel de Araújo insere-se e apropria-se de cada uma das citadas vertentes.

Forte é a influência do neoclassicismo, não somente na pintura como também na historiografia operada por Porto Alegre. Não há nele a valorização da Idade média, muito menos dos indígenas. Os autores que lhe são caros, fora aqueles que escreveram do Renascimento até seu tempo, viveram na Antiguidade. As metáforas, as citações, as alegorias e a inspiração de suas obras arquitetônicas são baseadas em Grécia e Roma. O neoclassicismo é usado para remeter a uma herança que vêm da antiguidade, inserindo o Brasil numa linha civilizacional que possui a mesma duração da europeia – mesmo que a considere uma nação nascente. A herança mais ressaltada por Manuel de Araújo fora a portuguesa, européia. “Falava em uma criação artística que passava por revisitar os clássicos, glosar a tradição literária e poética do Ocidente”<sup>42</sup>. O neoclassicismo e o apreço pela tradição europeia tomam o lugar, na escrita e nas ideias de Porto Alegre, que em outros Românticos é reservado ao indianismo.

“O domínio da tradição artística clássica, elemento primordial na formação acadêmica, era colocado explicitamente como etapa, e não finalidade, da pedagogia proposta por Porto Alegre. Tratava-se de convergir toda a formação artística no sentido de produzir obras ‘nacionais’”<sup>43</sup>. Não somente para a arte, como também para sua historiografia. Porto Alegre utiliza-se do neoclassicismo para inserir o Brasil como um dos herdeiros, para que a nação tenha seu nome no testamento deixado por Grécia e Roma, o testamento das civilizações.

Collingwood define o romantismo em termos historiográficos e filosóficos, afirmando que “os românticos baseavam as suas [perspectivas utópicas] na esperança de formar um povo iluminado, por meio da educação popular”<sup>44</sup>. Michel Lowy e Robert Sayre<sup>45</sup> ressaltam a relação do Romantismo com o passado, seja medieval ou clássico. Além do olhar ao pretérito, há também uma perspectiva futura e uma relação com o coletivo. O “mundo fora do mundo” que o Romantismo cria, segundo Sergio Buarque de Holanda<sup>46</sup>, estaria projetado, no caso de Porto Alegre, no futuro. Argan resalta que a existência não encontrava mais uma justificativa além do mundo – por isto mesmo era necessário dar luz a um novo amanhã<sup>47</sup>.

---

<sup>42</sup> Idem, p. 195.

<sup>43</sup> Idem, p. 217.

<sup>44</sup> COLLINGWOOD, R. G. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1972. p. 117.

<sup>45</sup> LÖWY, Michel & SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

<sup>46</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995. 26ª Ed. p. 162

<sup>47</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *El Arte Moderno*. Valencia: Fernando Torres Editor, 1984. 6ªEd.

Argan, assim como alguns outros autores, não traça uma ruptura entre neoclassicismo e romantismo, o que parece válido no caso brasileiro, nas consequências que o movimento teve na historiografia e na obra de Porto Alegre. O Neoclassicismo deve ser inserido dentro de uma concepção mais ampla de Romantismo, compreendido dentro deste. Não se trata de afirmar ambos como uno, mas harmonizá-los, ao contrário de diversos autores que pretendem demarcar uma forte ruptura e o movimento romântico como oposição ao neoclássico que marcou o fim do século XVIII e início do XIX. Existe um Romantismo que fora cristalizado como um tipo ideal, e um Neoclassicismo que está inserido dentro de uma concepção mais ampla de Romantismo.

As teses defendidas e expostas por Porto-Alegre apresentam diferentes estratos que se assentam de maneira harmoniosa e dão forma a um original relevo de ideias estratificadas. O autor está entrelaçado á exemplaridade, tão característica do regime de *historia magistra vitae*, ao mesmo tempo em que insere sua historiografia numa relação crucial com o futuro, um projeto político e social, no qual a teleologia é uma linha que organiza os dados disformes do passado de forma que criem o início de um processo cujo desfecho está por vir. É a questão da criação de uma escola de pintura fluminense, de uma arte nacional que dos artesões irá culminar em artistas cuja atuação é considerada um trabalho intelectual, de artes liberais. Ora, não há nos textos estudados uma ruptura entre os dois regimes, mas uma convivência não só pacífica como complementar da *historia magistra vitae* com o que Hartog nomeia de regime moderno de historicidade <sup>48</sup>.

A relação entre Neoclassicismo e Romantismo no autor se dá da mesma maneira. A presença de elementos distintos forma não uma contradição, mas uma síntese própria para relacionar passado e futuro, Europa e Brasil, Civilização e seu projeto, a partir da realidade Brasileira. Existem também elementos caros a ambos os “movimentos”, como a rememoração – elemento característico da religião clássica e caro aos que foram influenciados por Winckelmann, mas que também é recorrente na também historiografia romântica – que também estão presentes na obra de Manuel de Araújo, corroborando aqui a harmonia entre ambos, a inserção do primeiro no segundo.

Coetâneo de Michelet e Carlyle, Porto Alegre traça um rascunho do *herói*, personagem romântico, mas atêm-se aos homens ilustres. Há aí novamente estratos que aparentemente são

---

<sup>48</sup> HARTOG, François. *O tempo desorientado, tempo e História: Como escrever a História da França?* IN: Anos 90. v.5. n. 7. 1997. p. 10

contraditórios, mas possuem uma harmonia no que diz respeito ao seu enquadramento na realidade brasileira. A vinculação biográfica, tema complexo e cuja prática fora sustentada por numerosos fatores, assim como o uso das *Vite* e do Plutarco (brasileiro e romano) como modelos mascaram uma simultaneidade das ideias de Porto-Alegre com o Romantismo europeu. Pela condição do artista, pela falta de historiografia original e fundadora, o autor toma para si uma missão, pretende-se o primeiro historiógrafo da arte brasileira, fundando-se como Vasari por assim almejar e considerar necessário. Porém, seu ideário é visivelmente romântico. Não pude verificar se o autor leu Michelet (com o qual pode ter convivido, mas, como afirma Antônio Cândido, o desconhecimento sobre a vivência de nossos românticos em Paris em muito nos impossibilita) e Carlyle, que produzem contemporaneamente a Manuel de Araújo. Creio numa influência comum, que os três autores, tendo em vista seus paralelos, possuíram análises semelhantes, mesmo vivendo contextos diferentes, devido a relações análogas entre diferentes elementos de suas realidades.

Assentado na crença civilizacional, a intenção do autor é romântica, visa o esclarecimento dos povos, possui preocupações morais e cívicas. Porto-Alegre esboça o que Antônio Cândido considerou a verdadeira expressão do Romantismo brasileiro, no qual “a literatura nacional aparece então como expressão da dialética secular que sintetiza em formas originais e adequadas a posição do espírito europeu em face da realidade americana; (...)”<sup>49</sup>. Manuel de Araújo visa traduzir o romantismo à termos brasileiros, tirar o exclusivismo do *status* civilizacional da Europa.

O indivíduo também se explica pelo viés romântico. Refiro-me a dois indivíduos: os traçados por Porto-Alegre em seus escritos e o próprio autor, em sua trajetória e a forma como construía sua figura pessoal. O homem ilustre injustiçado e incompreendido que é traçado nas biografias que escrevia era uma representação de si projetada nos biografados, forma narrativa que nem de longe fora criada por Manuel de Araújo, mas à qual é estruturante para ele. Os apontamentos biográficos, as cartas e o diário incorrem a esta construção consagrada<sup>50</sup>.

Os necrológios e o uso da biografia encontravam-se embasados também por um desejo político e social de mudança, um projeto para uma individuação nacional e pessoal. A “libertação

---

<sup>49</sup> CÂNDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos. 2º Volume (1836-1880). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959. p. 336

<sup>50</sup> Como está retratado no primeiro capítulo da obra de SQUEFF, Leticia. O Brasil nas letras de um pintor. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

graças à definição da autonomia brasileira, estética e política (...) e a conquista do direito de exprimir direta e abertamente os sentimentos pessoais (...)”<sup>51</sup>. Tais reflexões estariam mais claramente manifestas no indianismo, ao qual o autor estudado não simpatizava. Porém, a trajetória de Porto Alegre e seus escritos vinculam-se a esta vontade de libertação de forma muito clara e evidente.

La existencia, que ya no se justifica con un fin más allá del mundo, tiene que encontrar todo su significado en el mundo; o se vive íntegramente de la relación con los otros y el yo se disuelve en una relatividad sin fin, o el yo se absolutiza pero rompe toda relación con lo que está fuera de él. Ninguna de las dos soluciones es posible sin la otra. Quien vive en relación con el mundo sentirá siempre el deseo de lo que está mas allá, quien vive mas allá del mundo sentirá siempre el absurdo de su propia soledad .<sup>52</sup>

Novamente, recorrerei à estratificação, não para deturpar ideias insociáveis, mas para demonstrar que Porto-Alegre apropriava-se do Romantismo e do Classicismo de maneira particular, relacionando ideias vigentes de forma a lhes assentar com forma e fundo particulares e peculiares. O “eu” de Manuel de Araújo, enquanto homem de letras, funcionário da Coroa e em sua dimensão política parecia desaparecer num mar de relatividade, levado pelas necessidades do mecenato. Porém, quase como uma reação, havia um “eu” que se absolutizava, isolado e inconformado com a falta de reconhecimento que lhe era relegada (o que sabia utilizar como retórica nos momentos de realizar demandas) e tendia a afastar-se ainda mais desta relação com os outros. Porto-Alegre é um homem que intenta a abertura e uma relação idílica com o mundo e as pessoas, mas ao deparar-se com a fiabilidade de seus projetos, a crítica e falta de reconhecimento (as quais considera injustas, caluniosas e justificadas por interesses escusos e mesquinhos) encontra solução somente na reclusão, no recrudescimento deste homem sempre descrito como sério e sisudo. Relaciona-se com a coletividade de forma Romântica, transitando entre as duas soluções opostas.

---

<sup>51</sup> CÂNDIDO, Antônio. Op. Ci. p. 20.

<sup>52</sup> ARGAN, Giulio Carlo. El Arte Moderno. Valencia: Fernando Torres Editor, 1984. 6ªEd. p. 13.

Porto Alegre não é um caso de importação do Romantismo, meramente. Vivenciara um dos locais de produção originária deste movimento, apreendendo em primeira mão as reflexões e as condições – intelectuais, institucionais, políticas, culturais – que influenciaram outros historiadores e poetas, do porte de Michelet. Não se trata de ser somente influenciado pelo Romantismo e reproduzir este, mas de realmente vivenciar o mesmo que cunhara os autores do movimento, sendo também de seu início – não no sentido de uma origem ou de um momento mais puro. Pretendo somente ressaltar esta particularidade para propor uma explicação plausível de seus paralelos com autores que foram seus contemporâneos. Falta aqui o conhecimento das leituras realizadas por Manuel de Araújo, mas a própria data de publicação de várias obras de Carlyle e do já citado Michelet tornam improváveis o contato do autor da *Memória...* com estas, ao menos anteriormente à própria escrita do artigo mencionado e alguns de seus outros textos.

Romantismo Neoclássico que influencia em muito a sociabilidade do autor e também sua visão de homens ilustres dotados de exemplaridade. O recalque proveniente das intrigas e as injustiças das quais se considerava vítima levaram Porto-Alegre a traçar um mundo no qual aparentemente pouquíssimos eram dignos de confiança, escassos eram os que seguiam a moral de forma a realmente serem dignos de estar no panteão. A descrição negativa do mundo parece valorizar ainda mais os biografados, que se apresentam como estes raros exemplares de pessoas que, além de honestas, doaram à vida a esta coletividade hostil.



### Capítulo III

#### A presença da morte e a ausência do distanciamento

As idéias de rememoração e panteão foram caras ao Neoclassicismo. A forma grega de vencer a morte é inscrever-se na História. Através de grandes feitos os homens distinguiam-se e tornavam-se dignos de terem seus atos cantados pelos Aedos, tornando não somente Homero como também Demódoco (este fictício, de forma ainda mais simbólica que o primeiro) “pré-historiadores”, predecessores de Heródoto e Tucídides <sup>53</sup>. Não parece descabido pensar que história e epopéia estivessem novamente próximas no século XIX graças à leitura e identificação com autores e ideais gregos. Winckelmann teve grande papel em impulsionar um neoclassicismo valorando a Grécia, tamanho é o peso deste autor de língua alemã que chega a influenciar até mesmo a França <sup>54</sup>.

O medo da morte gera diferentes reações práticas e simbólicas. O temor em estar destinado à aniquilação e à danação comumente pode ser atenuado através de algumas garantias conquistadas em vida, de caráter religioso em sua maior parte. Durante o século XVIII imperara no Brasil a encomenda, a prática da boa morte. O testamento elucidava detalhadamente o que necessitava ser feito após o óbito para que o morto descansasse em paz. Havia nele instruções de como proceder com o corpo e os bens dos falecidos, aonde ser sepultado e a quem pagar pelas rezas <sup>55</sup>. Os sócios do IHGB encontram outra resposta, já que suas demandas eram outras e seu conforto quanto ao pós-morte estava estabelecido sobre outras bases, outro ideário e outras práticas.

A morte barroca tornara-se menos presente ao mesmo tempo em que irromperam novas práticas cemiteriais e uma nova relação com a morte no início do século XIX carioca. A Igreja Católica perde seu monopólio quando os mortos passam a ser sepultados fora da cidade e outras instituições passam a desempenhar importante atuação nos ritos fúnebres. A distinção do morto que já fora enunciada por sua posição nos templos católicos, geográfica, passa a ser enunciada pelos monumentos fúnebres e pelos ritos realizados. O IHGB garantia a seus sócios a distinção

---

<sup>53</sup> HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 24.

<sup>54</sup> Idem, p. 157.

<sup>55</sup> Quanto à mudanças nas práticas cemiterias brasileiras no séc. XIX ver REIS, João José Reis. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. e RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

através de ideias advindas do neoclassicismo, com sua ênfase na rememoração, a qual também ascendera com a decaída da morte barroca.

A “boa morte” dá lugar à preocupação memorialística, social e terrena de legar um registro, apontamentos biográficos que garantissem uma rememoração digna e dotada das principais informações acerca do morto. O equivalente a uma “má morte”, na “encomenda” dentro do IHGB e desta simbologia dos letrados, é o esquecimento ou uma biografia falha. Honrados foram aqueles que receberam um longo necrológio, adornado por palavras que transformavam as linhas em versos e inspiravam Porto-Alegre a escrever de forma poética, grandiloquente e dramática, recorrendo a exageros.

A relação entre mortos e vivos no IHGB é mediada pelo orador, tal qual um sacerdote. Certeau ressalta o caráter de mito e rito da palavra <sup>56</sup>. O texto, então, é monumento. Estátua de papel, suporte “físico” do culto, pelo qual a presença será não só eternizada como também invocada. O rito da leitura, do discurso pronunciado, torna-se o meio pelo qual o mito é evocado, repassado e vivenciado. A deidade desta religião é a Nação: cultuada entre os homens de letras, como Pai provedor a ser temido, respeitado, cultuado e venerado, era também Mãe a ser lembrada e Idéia a ser construída, alimentada e propagada. A inspiração pode vir da antiguidade, do neoclassicismo, mas a liturgia é cristã, mesmo que secularizada e transformada numa religião cívica.

Quando os nossos legisladores decretarem um panteão, não digo um edifício suntuoso, mas um lugar sagrado e decente, onde se recolham os restos mortais dos nossos beneméritos, onde o paisano repouse a par do general, e que nesse lugar, em dia marcado, vá o Imperador derramar flores sobre essas sepulturas singelas, o Brasileiro verá que o ouro não é a única recompensa da terra, e que acima dele está a pobreza de um José Bonifácio de Andrada, a de um visconde de Cairú, de um São Leopoldo, de um padre Caldas, de um franciscano, ou de um músico como José Maurício. A mocidade, a generosa e heróica mocidade seguirá o rumo da estrela do céu da pátria, e não confundirá jamais esse astro com a moeda brilhante que salta das máquinas de cunhas, na casa da moeda. Quando o ouro é um deus, o homem é uma fera. <sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 17.

<sup>57</sup> PORTO-ALEGRE. Revista do IHGB, 19, 1856 P. 351

Necrópole nacional de seus filhos ilustres, que não poderia ser pensada em outro contexto que não o da “polis”, mesmo que tupiniquim, com sua cidade desorganizada, caótica e suja que desgostava a Manuel de Araújo e lhe instigava a tentar remodelá-la. Com a vinda da família real ao Brasil e posteriormente a independência a cidade do Rio de Janeiro torna-se capital do Império, ganhando não só um novo status como também novos moradores, prédios e instituições que lhe dão uma nova dinâmica. O Porto-Alegre arquiteto pensara não só nas fachadas, como também num planejamento urbano, que incluía até mesmo preocupações com o saneamento básico; o Historiador projetara uma urbe simbólica para os mortos e exemplar aos vivos, que garantiria a coesão social, preencheria relações que começavam a se esvaziar pelo declínio do poder e das idéias eclesiásticas em responder certas demandas.

A manutenção do macrocosmo político, social e cultural dependeria da execução constante do ritual de rememoração, segundos a Filosofia da História de Porto Alegre. O microcosmo seria o homem ilustre, que agora jaz no solo pátrio. A solidez do caráter deveria ser tal qual a pretendida unidade nacional, sem incongruências, lisa e sólida. Microcosmo que sustenta, alimenta e cria o macrocosmo, não somente na prática – através da ação política dos homens (o que também envolve os escritos historiográficos e literários) – como também no campo simbólico – a moral dos ilustres, a ser seguida e cultuada, era proteção contra a anomia, o esquecimento e a ingratidão.

O esquecimento da pátria, esse terrível vazio, esse hediondo ceticismo, que é o primeiro anel da cadeia infernal da imoralidade e da barbaria; o esquecimento da pátria, esse crime de lesa-grandeza, esse aborto das entranhas do egoísmo, é quem prepara aos povos esse cataclismas de sangue, essas tempestades que, depois de arrasarem tudo quanto é nobre e grandioso, depois de espedaçarem todos os elementos do belo e do sublime, deixam-no erguido entre as ruínas de sua ferocidade e de sua ignorância para usurpar um trono arquitetado no centro de um abismo, entre as chamas do remorso que o devora, e que o extingue no meio da mais terrível desesperação.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> PORTO-ALEGRE. Revista do IHGB, 12, 1849 p. 12

Os homens ilustres eram aqueles que dedicaram sua vida em prol da pátria, que construíram parte da nação brasileira, o que enquadrava até mesmo estrangeiros. Porto-Alegre possui uma valoração muito maior pelos homens de letras, exaltando seus escritos, bendizendo as contribuições literárias e políticas que eram exercidas através da inteligência. Poderiam ser objeto de história somente no momento em que a morte os levasse, a ausência era parâmetro historiográfico por excelência, de certa forma substituindo o distanciamento. A história, fundando monumentos, celebrava uma vida e rememorava uma importante figura, tornando-a presente e procurando estabelecer uma empatia do leitor com o biografado. A vinculação emocional, assim como pátria e moral, eram elementos necessários na retórica nacional.

O distanciamento era uma ausência na prática historiográfica de Porto-Alegre. Extensão de sua vida cultural, marcada por regras cortesãs, sua escrita estava atrelada e limitada à repercussão, aos vínculos institucionais, à necessidade do mecenato. Projeção no passado de um projeto político, no qual fundava um processo que deveria culminar na emancipação dos artistas, no estabelecimento das artes como atividade intelectual, sua história da arte tomava como modelo o cunho biográfico das *Vite*, que aparentava ser caro à sua intencionalidade prática. Vasari era modelo não só historiográfico como político. A obra do florentino é considerada como influente no processo de enobrecimento do artista, cuja atividade passara a ser diferenciada da do artesão por ser considerada uma arte liberal, executada através de capacidades intelectuais e não somente mecânicas. Processo que ocorrera na Itália durante o Renascimento, o qual Manuel de Araújo almejava consolidar no Brasil.

Gomes Jr.<sup>59</sup> atesta esta importância das *Vite* escritas por Vasari na elevação social do artista e ressalta a importância de três fatores interligados: o espaço social do artista, a instituição educativa e de consagração, o estatuto intelectual da arte. Fora necessário então “três tipos de trânsito: da condição plebéia à nobreza do mérito, das corporações às academias, do trabalho manual às Artes Liberais”<sup>60</sup>.

A historiografia da arte de Porto-Alegre, cujos dois textos principais foram lançados e propagados pela Revista do IHGB, era de cunho biográfico e memorialístico, servindo a uma religião cívica, secularizada. Porém, há uma intersecção de sua atuação na AIBA com o que

---

<sup>59</sup> GOMES JR, Guilherme S. G. Vidas de artistas: Portugal e Brasil. In: Revista Brasileira de Ciências sociais. Vol 22, no.64. São Paulo: Junho, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000200003). Acesso em: 06 Jul. 2011.

<sup>60</sup> Idem.

publica através do Instituto. Porto Alegre atua politicamente num processo do qual estava diretamente interessado e vinculado, o da elevação social do artista no Brasil. Os vínculos com o IHGB e a AIBA foram utilizados pelo autor de forma complementar, tornando possível uma potente atuação e um uso da historiografia que projetava uma alteração futura e uma influência prática no constituir-se não só da arte nacional, como também do artista.

Vinculação com instituições, com projetos políticos, com a justificação do mecenato. A escrita não era ato meramente intelectual, desligado da realidade política e ausente de intenções práticas. A historiografia era utilizada para justificar a elevação do artista, enobrecer homens de letras que não possuíam grandes ganhos, mas em contraparte eram dotados da distinção cortesã, aristocrática.

História original, na acepção de Hegel, possuía a já citada vinculação entre o que narra e uma intencionalidade prática, discurso que possui caráter prático e propositivo, levando a uma primeira falta de distanciamento. As fontes eram memorialísticas, de forte vinculação emocional com o objeto de estudo. Grande parte dos testemunhos provinha de parentes e/ou antigos amigos do morto, que em certos casos também possuíam vínculos com o pesquisador – é o caso do músico José Maurício Nunes Garcia<sup>61</sup>. Os relatos não eram submetidos à crítica que já em inícios do XIX era enunciada como crucial à prática do historiador.

O pensamento que concebeu esta aliança do relatório dos trabalhos dos vivos com o elogio dos mortos, criou um nobilíssimo incentivo para a mocidade estudiosa, herdeira do futuro e continuadora da obra que planejamos no plácido concurso de nossas locubrações. O instituto, nestas solenes recordações, comemora o que houve de mais saliente na vida de seus sócios; cumpre com os deveres de gratidão e saudade para com aqueles que edificaram a inteligência e alma de seus companheiros, e derrama sobre as suas sepulturas aquelas flores que não caducam, aqueles louros de uma gloria perdurável.<sup>62</sup>

A historiografia, atuando como um necrológio, não se afasta de seu objeto de estudo. Evocar a presença é aproximar-se, é desejar a empatia e celebrar, comemorar a vida. É uma ação deliberada, o afastamento metodológico não aparenta ser nem ao menos uma hipótese. Enredado

---

<sup>61</sup> Pg. 157.

<sup>62</sup> PORTO-ALEGRE. Revista do IHGB, 17, 1854 P. 51

aos interesses da pátria, sob a vigilância (que neste caso não é epistemológica) de seus pares, homens de letras que agem na lógica cortesã, a vinculação é objetivo e obrigação. Esquecer-se da proximidade com o objeto, tanto daquele que escreve quanto de seus leitores, seria desvincular-se do verdadeiro intento desta história original e expor-se à excomunhão. Os vínculos institucionais, a vida de letrado, a nação e o Império não eram categorias a serem estudadas enquanto objetos abstratos, submetidos à crítica e exposição de todas suas lógicas. Eram monumentos a serem construídos, venerados e rememorados.

O distanciamento era a ausência do retratado, a morte era o campo do qual a historiografia poderia colher seus homens ilustres e constituir os exemplos para os vivos. Era também forma de atuação política dos letrados, que invocavam o que lhes era caro e útil para então inserir num processo, narrar um movimento que ainda não cessara cujo andamento dependia de mais um ato, que teleologicamente completasse o percurso e então pudesse ser sepultado.

## Conclusão

*“O tempo, o velho da negra foice, é que ordinariamente se encarrega de reduzir a Notícias e Imagens os mais complexos e longos fatos do Espírito ou da Vida. Tudo quanto subterraneamente ou ambientemente serviu para os criar, desenvolver e vivificar, ele vai cada dia eliminando e tragando, até que o fato fica desbastado, descarnado, na nudez do seu esqueleto essencial, cabendo todo numa linha impressa ou nos curtos riscos dum lápis esperto.*

*Os maiores acontecimentos da História, que agitaram durante séculos impérios e massas humanas, andam hoje comprimidos dentro da pagina dum compêndio que as crianças decoram merendando e rindo. Todas as grandezas, e conquistas, e devastações de raças, e edificações de cidades que tornaram Rhameses igual aos Deuses, não dão para mais dum frase erudita, nem para mais dum desenho representando um vago Faraó de barba encaracolada, com as duas mãos imóveis sobre os joelhos. E daqui a quatro ou cinco mil breves anos, a Revolução Francesa, cuja historia atulha Bibliotecas e ainda se não completou – andarà contada nas Escolas em vinte ou trinta palavras, e a única imagem, suficientemente expressiva para a comentar, será um bando de esfarrapados derrubando uma fortaleza.”*

*(Eça de Queiroz – Páginas esquecidas)*

Pintor. Diretor e reformador da AIBA. Homem de letras. Porto-Alegre tivera seus projetos frustrados nos mais diferentes campos e sua produção historiográfica parece ser mais um desta lista. Há uma discrepância entre as questões centrais de sua filosofia da história, do que propora enquanto forma de escrever a história - fortemente baseada nas idéias de progresso e de civilização, a qual demonstraria seu status pelo seu esplendor cultural cujas manifestações deveriam ser o principal objeto de estudo do historiador – e o que realmente produzira. A discrepância só pode ser compreendida pelo mapeamento de diversas questões que se entrecruzam e influenciaram a vinculação ao gênero biográfico: caráter de história original no sentido hegeliano e também de primeiro esforço historiográfico, vinculação ao projeto político de construção e consolidação da Nação, tentativa de elevar a condição de artista e sua prática à atividade intelectual, a tarefa de escrever necrológios e um estrato romântico de sua filosofia da história que valorizava a relação com os mortos e a exemplaridade, esta última proveniente de uma vinculação à historia magistra vitae. Manuel de Araújo entrecruza num ponto comum seus

projetos políticos com os estratos “mortuários” e morais de sua filosofia da história, somando-os para operar uma historiografia que pretende atuar no próprio tempo: instituindo um passado, rememorando-o ao presente de forma a induzir à continuação de um processo previamente iniciado, o qual deve ser levado a cabo por questões éticas e civilizacionais. Elementos neoclássicos e românticos que também possuem uma relação com as novas práticas acerca da morte, como a importância dos monumentos fúnebres e da preocupação memorialística após a queda da morte barroca. Não existiria identidade nacional se o Brasil fosse desprovido de heróis, o fértil solo da Nação feneceria se aqueles que lá jazem não recebessem constantemente flores e, principalmente, ampla rememoração comemorativa.

Os elementos filosóficos não são determinantes em relação aos culturais, políticos e sociais, todos são constituintes do lugar social da operação historiográfica – com diferentes pesos, relacionando-se de maneira particular. A filosofia da história é a grande mediadora, os conceitos pelos quais Porto-Alegre irá apreender os acontecimentos, a passagem do tempo e os processos que descreve. Ela articula relações enunciadas de maneira implícita e sutil, relaciona-se com os projetos políticos – principalmente o de construção da Nação e de elevação da condição de artistas – mas não consegue superar a vinculação historiográfica com aquela que originalmente é sua grande inimiga, a biografia. Tratando-se dos necrológios a ênfase na vida dos relatados é consequência do ofício de orador, mas mesmo anteriormente, em *Memória...*, a escrita é marcadamente biográfica, sendo somente introduzida por reflexões quanto ao caráter filosófico do tempo e da civilização. A filosofia da história é enunciada, mas não cunha a escrita da história completamente por relacionar-se com os objetivos políticos atrelados ao presente e à condição social do Rio de Janeiro em meados do século XIX nos quais a historiografia irá se inserir como instrumento, pretenderá exercer uma influência prática em alguns dos projetos nacionais. A narrativa permanece inalterada, os personagens nacionais matem-se como objeto ao invés de ceder espaço à cultura, aos costumes e à produção artística. Exatamente pela biografia possuir uma lógica, não ser somente uma arbitrariedade da historiografia de Porto-Alegre, é não somente injusto como simplificador considerar a escrita da história do autor um projeto completamente frustrado. Talvez ela não tenha frutificado como intentava Manuel de Araújo, mas não fora por descuido que o que é proposto como ideal de escrita da história e a que fora realmente executada pelo autor tenham suas discrepâncias. Fora, antes, uma adaptação da operação historiográfica ao seu lugar social, na qual a filosofia da história irá estruturar uma visão de mundo, sociedade e



tempo, mas ao mesmo tempo será utilizada em prol de objetivos práticos, políticos. Cabe ressaltar que a própria filosofia da história do autor estudado forma um todo, um conjunto resultado pela relação entre a visão de tempo como marcha humana no progresso que leva ao aperfeiçoamento da civilização, e uma relação com a memória daqueles que morreram, de história como evocação das figuras ilustres, narrativa de um rito secularizado, uma religiosidade cívica. O Barão de Santo Ângelo pretende tornar a própria historiografia em monumento, diferindo-se neste ponto do que afirmara Eça de Queiroz. Para o segundo, o tempo aniquila, leva ao esquecimento e a escrita é um ato simplificador muito distante do acontecido; enquanto que para o primeiro o tempo julga, banindo ao esquecimento aqueles que não são dignos e a escrita é não somente ato que triunfa sobre o esquecimento como também torna presente tanto o narrado quanto a pessoa retratada.

O romantismo, cuja marca da espiritualidade esteve fortemente presente nos autores brasileiros, mescla-se com o neoclassicismo no caso do autor estudado: através de uma hagiografia dos homens ilustres rememoram-se os mortos e funda-se um panteão exemplar. A historiografia deveria grafar um panteão de papel, o edificado não bastaria, mas Porto-Alegre não trai as pretensões românticas de englobar o povo, é o brasileiro que verá o Imperador visitar um panteão no qual “o paisano repouse a par do general”<sup>63</sup>. É o monumento como projeto político e símbolo nacional, de uma coletividade.

A estatuária e os prédios ligados à simbologia do antigo regime estiveram à mercê da destruição pelas mãos revolucionárias na França pós 1889, salvos pela defesa realizada por escritores, filósofos e políticos para a manutenção deste patrimônio. A partir de Napoleão, houve uma forte utilização política de uma simbologia do nacional, através da construção de monumentos políticos que ressaltassem a unidade através de narrativas imagéticas – também presente no Brasil, alguns foram arquitetados pelo próprio Porto-Alegre. Os monumentos fúnebres, coincidentemente, passam a figurar os cemitérios brasileiros em meados do século XIX, concomitantemente ao declínio da morte barroca, aos sepultamentos em cemitérios, não mais em igrejas. Monumentos políticos e fúnebres que possuem peso na criação da ideia de comunidade, no caso do primeiro; e na rememoração que tenta banir o esquecimento no caso do segundo, imortalizando os homens ilustres, indivíduos Românticos ou Romantizados. O paralelo seduz: daí advém a força da metáfora utilizada por Porto-Alegre, da historiografia enquanto monumento de papel – monumento por excelência, político e fúnebre, simultaneamente. Historiografia que evita

---

<sup>63</sup> PORTO-ALEGRE. Revista do IHGB, 19, 1856 p. 351.

a anomia, faz jus à memória dos grandes homens, dá exemplos aos cidadãos contemporâneos, institui o culto à nação e aos que a construíram fundando um panteão a ser celebrado, comemorado.

A rememoração e a história que revive os mortos, máximas tão difundidas em diversos historiadores do século XIX estão enraizadas em contextos e embaraçadas em relações profundas e que se tornam mais complexas à medida que mais se pesquisa e conhece o assunto. Ressaltar o peso de idéias Neoclássicas e Românticas na formação de uma Filosofia da História e a forte influência desta última na operação historiográfica não é encorpar um idealismo e tentar compreender o século XIX somente através de suas categorias, mas ressaltar o que François Dosse e Marrou já enunciaram: a importância de retomar a filosofia ao pensar a história. Uma filosofia que esteja mais ligada à episteme, tal qual em outros campos do conhecimento. A Filosofia da História operou na historiografia tal qual um anão corcunda, enxadrista tão sagaz na arte de ocultar-se quanto na de influenciar os resultados finais.

**Fontes primárias:**

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *Revista do IHGB, Rio de Janeiro*. Tomos de I a XX, 1838-1857.

Memória sobre a Antiga Escola de Pintura Fluminense. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1841, tomo III, pg 33, supl.

Elogio dos sócios do Instituto falecidos. In: *Revista do IHGB*, 1844, tomo VI, 36, supl.

Oração fúnebre, pronunciada ao baixar à sepultura o corpo de José Silvestre Rebelo, sócio do Instituto. In: *Revista do IHGB*, 1845, tomo VI, pgs. 376 e 384.

Discurso pronunciado por ocasião de ser dado à sepultura o corpo do sócio Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga. In: *Revista do IHGB*, tomo VII, 271.

Discurso ao ser dado à sepultura o corpo do Cônego Januário da Cunha Barbosa, em 22 de fevereiro de 1846. In: *Revista do IHGB*, tomo VIII, pg 145.

Discursos proferidos nos dias 27 e 30 de julho de 1846, de cumprimentos a S. M. I. pelo aniversário de sua maioridade e pelo nascimento de uma princesa. In: *Revista do IHGB*, tomo VIII, pg 420.

Discurso proferido na sessão de 17 de junho de 1847 em memória do Príncipe D. Afonso. In: *Revista do IHGB*, tomo XI, pg. 10.

Elogio dos sócios falecidos, pronunciado na sessão de aniversário do Instituto, a 9 de setembro de 1847. In: *Revista do IHGB*, tomo XI, 150.

Discurso composto por Manoel de Araújo Porto-Alere e recitado pelo primeiro Secretário Manoel Ferreira Lagos, no dia 19 de abril de 1848, ao ser dado á sepultura o corpo do sócio conselheiro Saturnino de Sousa e Oliveira. In: *Revista do IHGB*, tomo X, pg 250.

Discurso pronunciado ao baixar á sepultura o corpo do Conselheiro José Joaquim da Rocha. In: *Revista do IHGB*, tomo X, pg. 393.

Carta ao secretário do Instituto, sobre Frei Francisco de São Carlos. In: *Revista do IHGB*, tomo X, pg. 543

Discurso pronunciado na sessão pública de 6 de abril de 1848, na inauguração dos bustos do Cônego Januário da Cunha Barbosa e Marechal Raimundo José da Cunha Matos, sócios fundadores. In: *Revista do IHGB*, tomo XI, pg. 219.

## **Bibliografia:**

- ANDRADE, Débora El-Jaick. *Os intelectuais nas reformas do Estado Imperial: as trajetória de Araújo Porto Alegre e Gonçalves Dias*. In: [http://www.outrostempos.uema.br/curso/estado\\_poder/1.pdf](http://www.outrostempos.uema.br/curso/estado_poder/1.pdf) Acesso em: 06 de Jul. 2011.
- ANTUNES, Paranhos. *O pintor do romantismo: vida e obra de Manoel de Araujo Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ARGAN, Giulio Carlo. *El Arte Moderno*. Valencia: Fernando Torres Editor, 1984. 6ªEd.
- ARON, Raymond. *Introduction to the Philosophy of History*. Boston: Beacon Press, 1962.
- BANN, Stephen. *Romanticism and the rise of History*. Nova York: Twayne publishers, 1997.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos. 2º Volume (1836-1880)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.
- CASTRO, Isis Pimentel de. *Arte & História: a concepção de arte no oitocentos e sua relação com a cultura histórica*. In: *Saeculum*. No24. João Pessoa: jan/jun, 2006. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum14\\_art02\\_castro.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum14_art02_castro.pdf). Acesso em: 06 de Jul. 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CESAR, Guilhermino. *Araújo Porto Alegre: Dois estudos*. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, 1957.
- COLLINGWOOD, R. G. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- CROCE, Benedetto. *História como história da liberdade*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2006.
- DANTO, Athur C. *Analytical Philosophy of action*. Nova York: Cambridge University Press. 1973
- DOSSE, François. *A História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- DRAY, William H. *Filosofia da História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ENDERS, Armelle. *Les visages de la Nation: Histoire, héros nationaux et imaginaire politique au Brésil (1822-1922)*. Tese (doutorado) – Université Paris I-Panthéon-Sorbonne. 2004.
- \_\_\_\_\_. *O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado*. Revista Estudos Históricos, América do Norte, 14, jul. 2000. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2114/1253>. Acesso em: 06 Jun. 2011.

FERRARI, Paula. A história da arte de Araújo Porto-Alegre. In: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2008/FERRARI,%20Paula%20-%20IVEHA.pdf> Acessado em 06 de Jul. 2011.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 7.ed.

FREIRE, Laudelino. Porto-Alegre. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1924. Vol. XIII.

GALVÃO, Alfredo. *Manuel de Araújo Porto-Alegre: sua influência na academia imperial das Belas Artes e no meio artístico do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=RevIPHAN&pasta=REVISTA%20DO%20IPHAN%20N%20BA%2014%20ANO%201959&pesq>

GUIMARÃES, M. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. In: *Revista Estudos Históricas*, América do Norte, 1, jan. 1988. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1935/1074>. Acesso em: 06 Jul. 2011.

GOMES JR, Guilherme S. G. Vidas de artistas: Portugal e Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências sociais*. Vol 22, no.64. São Paulo: Junho, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000200003). Acesso em: 06 Jul. 2011.

HARTOG, François. O tempo desorientado, tempo e História: Como escrever a História da França? IN: Anos 90. v.5. n. 7. 1997.

\_\_\_\_\_. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

HEGEL, G. W. F. *La raison dans l'Histoire*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995. 26ª Ed.

KOMINSKY, Y. *O professor Toynbee e sua filosofia da História*. São Paulo: Argumentos, 1967.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. 4.ed.

LOBO, Hélio. *Manuel de Araújo Pôrto-Alegre*. Agir Editora, 1945.

LOWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estud. av.*, São Paulo, v. 16, n. 45, Aug. 2002 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 17 de Julho. 2011.

LÖWY, Michel & SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

MARITAIN, Jacques. *Sobre a filosofia da história*. São Paulo: Editora Herder, 1967.

MARROU, Henri-Irénée. *De la connaissance Historique*. Paris: Éditions Du Seuil, 1959. 3ª Ed.

MARTINS, Estevão de R. (org.). *A história repensada: teoria e método na historiografia européia do século XIX*. São Paulo, Contexto, 2010.

MICHELET, Jules. *Imagens da França*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2005.

PLEKHANOV. *O papel do indivíduo na história*. São Paulo: Expressão popular, 2008.

REIS, João José Reis. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

R.IHGB, Rio de Janeiro, vol 235, 1957

\_\_\_\_\_, Rio de Janeiro, vol 327, abril/jun. 1980.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SQUEFF, Letícia. *A reforma Pedreira na Academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista*. In: *Cad. CEDES*. Vol 20, no.51. Campinas: Nov. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622000000200008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000200008&lang=pt). Acesso em: 06 de Jul. 2011.

\_\_\_\_\_. *Quando a história (re)inventa a arte: a Escola de Pintura Fluminense*. IN: *Rotunda*. No01. Campinas: abril, 2003. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/rotunda/rotunda01.pdf> Acesso em: 06 de Jul. 2011. (pg19-31)

\_\_\_\_\_. *O Brasil nas letras de um pintor*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VAN TIEGHEM. *Le Romantisme français*. Paris: Presses universitaires de France, 1963.

VOLTAIRE. *A filosofia da história*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

WINCKELMANN, J. J. *Reflexões sobre a arte antiga*. Porto Alegre: Ed. Movimento e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1975.

